

## **027ª AUDIÊNCIA PÚBLICA VIRTUAL16DEZ2021**

**Pauta:** Debater o nº 178/21, PLL nº 186/21, PLL nº 181/21.

**(Texto com revisão final.)**

**PRESIDENTE IDENIR CECCHIM (MDB):** (19h05min) Boa noite a todos. Estão abertos os trabalhos da nossa audiência pública virtual. Solicito ao diretor legislativo Dr. Luiz Afonso, para que conduza na modalidade costumeira das audiências.

**SR. LUIZ AFONSO DE MELO PERES (Diretor Legislativo):** Boa noite a todos. Procederemos à leitura do edital (Lê.):

“EDITAL DE AUDIÊNCIA PÚBLICA PROCESSO 208.00244/2021-90 **AUDIÊNCIA PÚBLICA COM O OBJETIVO DE DEBATER SOBRE OS SEGUINTE PROJETO DE LEI DO LEGISLATIVO: - PLL Nº 178/2021, QUE INSTITUI O PROGRAMA MUNICIPAL DE USO DE CANNABIS PARA FINS MEDICINAIS; - PLL Nº 186/2021, QUE CRIA O PROJETO DE PROMOÇÃO E INCENTIVO A PESQUISAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO E OS USOS DE CANNABIS; - PLL Nº 181/2021, QUE CRIA O PROGRAMA FARMÁCIA VIVA NO MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE.** O PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, no uso de suas atribuições legais, CONVIDA a comunidade Porto-Alegrense para a Audiência Pública, a ocorrer no dia 16 de dezembro de 2021, às 19 horas, através de videoconferência pela plataforma Zoom (<https://zoom.us/>), onde os cidadãos também poderão participar, mediante inscrição em <https://audienciaspublicas.camarapoa.rs.gov.br/>. O *link* para acesso à sala virtual do referido evento se encontra disponibilizado no mesmo local. Detalhes das proposições poderão ser obtidos em: - PLL 178/21: <https://www.camarapoa.rs.gov.br/processos/136588>; - PLL 186/21: <https://www.camarapoa.rs.gov.br/processos/136605>; - PLL 181/21: <https://www.camarapoa.rs.gov.br/processos/136593>. Os participantes poderão se manifestar por escrito e/ou encaminhar documentos referentes ao assunto em debate, através do *e-mail* [audienciaspublicas@camarapoa.rs.gov.br](mailto:audienciaspublicas@camarapoa.rs.gov.br). As manifestações, durante a Audiência Pública, se darão mediante inscrição, após a abertura do evento. A Audiência Pública poderá ser acessada será transmitida pela TVCâmara, canal 16 da NET, pelo canal digital 11.3, e pelo Youtube em <https://www.camarapoa.rs.gov.br/institucional/tvcamara>. Porto Alegre, 06 de dezembro de 2021.  
**VEREADOR MÁRCIO BINS ELY, Presidente**”

A dinâmica proposta, Ver. Idenir Cecchim, é uma fala de abertura de três minutos a cargo do Ver. Leonel Radde, três minutos a cargo da Ver.<sup>a</sup> Carla Ayres, de Florianópolis, e três minutos a cargo da Ver.<sup>a</sup> Carol Dartora, de Curitiba. Depois, teremos dois painéis de cinco minutos cada: um painel médico pela Dra. Márcia Gianlupi, integrante da Sociedade Brasileira de Estudos da Cannabis Sativa; depois, um painel jurídico a cargo da Dra. Bianca Uequet, advogada criminalista e autora da primeira autorização do cultivo domiciliar da *Cannabis*. Em seguida, três histórias de vida de cinco minutos cada. Tradicionalmente

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual16DEZ2021  
Pauta: Debater o nº 178/21, PLL nº 186/21, PLL nº 181/21.

---

temos até dez inscrições que podem ser feitas pelo *chat*, as pessoas deverão indicar o nome e um sobrenome, podendo falar por cinco minutos cada. Os vereadores da capital presentes poderão falar também por cinco minutos.

**PRESIDENTE IDENIR CECCHIM (MDB):** O Ver. Leonel Radde está com a palavra. A seguir, o diretor legislativo Sr. Luiz Afonso conduzirá as inscrições.

**VEREADOR LEONEL RADDE (PT):** Boa tarde, Presidente; boa tarde, Luiz Afonso; boa tarde, vereadoras Carol Ayres, a Carol Dartora, que não pode estar com a gente, mas também estendo essa saudação a todas as pessoas que estão nos acompanhando aqui presencialmente, digo, dentro do Zoom aqui neste espaço, neste *link* e também as pessoas que nos assistem pelas redes sociais. Então, só reforçando que teremos três momentos deste debate, três painéis. O primeiro painel é um painel médico, o segundo painel é jurídico e o terceiro é de histórias de vida em que as pessoas vão trazendo os seus relatos. Na sequência, nós teremos o espaço para inscrições que serão feitas via *chat* para quem estiver no Zoom, quem recebeu esse *link* participa, digamos, de forma mais ativa desta audiência pública. E eu reforço que é uma audiência pública muito importante que debate a pauta da *Cannabis* medicinal e que envolve três Câmaras de Vereadores do Sul do País: Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. São três parlamentares, um de cada Estado, de cada capital, que estão debatendo o projeto de lei. Esses três, que foram citados pelo nosso diretor legislativo Luiz Afonso, são os projetos que estão apresentados aqui na Câmara Municipal de Porto Alegre. Em outras câmaras, foram apresentados um ou dois, enfim, não são os três; mas, de qualquer forma, a Taquigrafia aqui está informando também que esta audiência estará disponível nas Notas Taquigráficas no *site*. Dessa maneira, eu espero, eu tenho convicção de que a gente possa avançar neste debate sobre o uso medicinal da *Cannabis*, do uso medicinal da maconha, que a gente pode dizer também, porque esse é um debate muito semântico, mas que significa muito. Eu espero que os relatos que sejam trazidos aqui pelas partes sejam impactantes e que tragam reflexões sobre a importância desta pauta para a saúde pública do nosso País.

Já de imediato, passo a palavra para a Ver.<sup>a</sup> Carla Ayres. Muito obrigado.

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual16DEZ2021  
Pauta: Debater o nº 178/21, PLL nº 186/21, PLL nº 181/21.

---

**SRA. CARLA AYRES:** Boa noite, companheiro Leonel e demais pessoas presentes aqui, é um prazer estar aqui nesta audiência pública com todas e todos vocês da Câmara de Porto Alegre e também dessa atividade ter sido construída com a Câmara de Curitiba, quero fazer uma saudação aqui para Florianópolis, e reforçar, como colocou o Leonel, da importância da discussão institucionalizada desse tema sobre *Cannabis* medicinal.

A *Cannabis* medicinal e a *Cannabis*, em si, é perpassada por uma série de tabus, uma série de preconceitos, uma série de pontos históricos, ao longo de vários séculos de criminalização do seu uso, seja do ponto de vista recreativo, e, por conta disso, da sua criminalização, também, para aquilo que ela tem de mais essencial, que são os seus potenciais terapêuticos, para diferentes doenças e diferentes usos que têm trazido, sem dúvida alguma, para uma série de famílias, de pessoas no Brasil e no mundo todo, um bem-estar, fazendo com que a gente não subjugasse. A gente deveria entender e a gente deveria, do ponto de vista institucional, construir oportunidades para que mais e mais famílias e pessoas pudessem ter acesso a essa medicina e a essas propriedades que a *Cannabis* nos traz. E aí temos, como vai ser discutido aqui, vários pontos de vista, como daquelas pessoas que fazem uso ou cuidadores de pessoas que fazem uso da *Cannabis* medicinal, do ponto de vista médico, jurídico. E a gente tem o nosso dever, enquanto representantes do povo, de desconstruir todas essas impressões que carrega a *Cannabis* medicinal ao longo dos tempos. Aqui em Florianópolis nós também apresentamos dois projetos muito similares aos que o Leonel apresentou, que está em discussão hoje, especificamente, sobre o incentivo à pesquisa e sobre a distribuição no SUS, nas unidades de saúde básicas, em Florianópolis. Espero que a gente tenha boas discussões e que as pessoas estejam muito abertas, do ponto de vista democrático, para avançar nesse debate. Então, mais uma vez, muito obrigada pela oportunidade.

**SR. LUIZ AFONSO DE MELO PERES (Diretor Legislativo):** A Ver.<sup>a</sup> Carol Dartora está com a palavra.

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual 16DEZ2021  
Pauta: Debater o nº 178/21, PLL nº 186/21, PLL nº 181/21.

---

**VEREADOR LEONEL RADDE (PT):** A gente vai passar um vídeo dela porque ela não pôde estar presente.

(Procede-se à apresentação.)

**SR. LUIZ AFONSO DE MELO PERES (Diretor Legislativo):** A Sra. Bianca Uequed está com a palavra.

**SRA. BIANCA UEQUED:** Obrigada, Ver. Leonel, em seu nome, cumprimento os demais vereadores aqui presentes, desejo uma boa noite de trabalho a todos. Venho explicar um pouco sobre o meu conhecimento jurídico sobre a *Cannabis* e o que isso influencia nos projetos de lei que nós buscamos aprovar hoje.

Eu fui autora do primeiro *habeas corpus* de alto cultivo de *Cannabis* aqui no Rio Grande do Sul, na cidade de Canoas, a mãe da paciente teve uma história de luta muito bonita com a filha, que já se encontrava, praticamente, em estado vegetativo, tem síndrome de Dravet a pequena Carol, e hoje ela já tem mais de três anos em tratamento com óleo terapêutico de *Cannabis* e sem nenhuma convulsão e mais nenhuma hospitalização. A Carol era acompanhada pelo Hospital da Criança Santo Antônio, e foi a neurologista do Hospital da Criança que indicou o tratamento à base de derivados de *Cannabis*. A partir disso, a Liane foi atrás, veja-se, na Marcha da Maconha, buscar conhecimento sobre isso. A Marcha da Maconha se mostrou muito importante; eu sei que muitas pessoas têm preconceito, acreditam que a Marcha da Maconha é unicamente para as pessoas defenderem a legalização do uso adulto, mas é importante que a gente tenha um outro olhar hoje, porque as marchas da maconha, espalhadas pelo País, elas orientam as mães, são compostas por muitas mães, por muitos pacientes que hoje usam *Cannabis* no alívio dos sintomas das suas dores, das suas enfermidades. A partir disso, a Liane me procurou, lá em 2015, para a gente começar uma trajetória jurídica em cima desse tema, que à época, para mim, também era totalmente desconhecido. Eu sempre confesso que eu era uma pessoa, em 2015, muito preconceituosa com todos os tipos de drogas, para mim, *Cannabis* era droga tanto quanto qualquer outra substância psicoativa e proibida pela legislação. A partir do

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual16DEZ2021  
Pauta: Debater o n° 178/21, PLL n° 186/21, PLL n° 181/21.

---

caso da Carol, da Liane, eu pude ter um conhecimento maior sobre o vegetal. Eu pude, livre de preconceitos, porque eu estava trabalhando, voltar o meu olhar para a situação daquela criança, pesquisar na literatura médica, fora do Brasil, porque as pesquisas aqui no Brasil, lá em 2015, ainda não existiam. Eu tive que procurar a PubMed, eu tive que procurar os *sites* de buscas mais usados pelos médicos fora do Brasil para que a gente tivesse uma base de conhecimento acerca do uso da *Cannabis*, e de que forma se daria esse uso, até porque a gente estava tratando de uma criança, não bastava apenas o conhecimento da Liane sobre outros casos de outras mães. A mim cabia fazer a busca e mostrar ao juiz, mostrar ao Ministério Público que podia, sim, ser autorizado esse cultivo, porque realmente fazia efeito.

Então essa foi a minha função, conversando com os médicos, com psicólogos, com a equipe da Santa Casa, e também pesquisando na internet, em tudo que era disponível, fazer a busca disso e demonstrar ao juiz que existia base científica, existe base científica cada vez maior, e demonstrar que aquilo que a Liane buscava inicialmente era o óleo industrializado, importado, que podia ser bom para a filha dela. Conseguimos que o Estado repassasse alguns valores para a aquisição do óleo importado; a Carol fez uso do óleo importado, houve uma melhora na saúde da Carol com o óleo importado, contudo, o óleo importado é basicamente CBD, canabidiol, ele é livre de outros canabinoides. Então isso começou a nos preocupar porque as crises de convulsão, que chegavam a 60 crises por dia, estavam em torno de 20 crises, mas elas ainda existiam, e a cada crise epilética que a criança sofre, ela vai tendo degenerações cerebrais, e cada vez mais a Carol definhava numa cama de hospital. A partir disso e do conhecimento da mãe, se descobriu uma família no Rio de Janeiro que já estava produzindo o próprio óleo, a partir da planta, a partir do vegetal da *Cannabis*, então buscamos mais estudos em cima disso. Eu fui uma parceira dela nisso e ela minha, porque eu digo que as mães de crianças que buscam esse tratamento... Veja só, a Liane é uma professora pública municipal aqui em Canoas, ela buscou muita literatura sobre isso, sobre autocultivo, sobre como fazer, sobre outras mães que faziam pelo Brasil o óleo artesanal e conseguiu as informações. Com as informações, ajuizamos o *habeas corpus*, demonstramos ao juiz que aquele óleo completo, da planta inteira, com todos os canabinoides, com o efeito comitiva, como é chamado na ciência, ele

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual16DEZ2021  
Pauta: Debater o n° 178/21, PLL n° 186/21, PLL n° 181/21.

---

proporcionava para a Carol o alívio total dos sintomas dela. Ela começou a usar ainda dentro do hospital. A Carol teve, depois de dois meses, um cessar total das crises convulsivas. Qual mãe, qual pai não quer ver isso acontecer com os seus filhos, não é mesmo? Sempre com acompanhamento médico, que é o que eu sempre pontuo, não existe tratamento sem acompanhamento médico. *Cannabis*, aqui discutida nesses três projetos de lei, nós estamos falando de tratamento, de remédio fitoterápico, que pode ser acessado através da Farmácia Viva, que nós precisamos ter no nosso Estado. São diversos estados pelo Brasil que já disponibilizam Farmácia Viva, que já possuem esses três projetos de lei que nós hoje buscamos, tanto a nível municipal quanto estadual já aprovaram seus projetos de lei e já estão conseguindo fazer essa distribuição, vinculado, inclusive, a associações de plantios de alto cultivo, autorizadas pela justiça a dispensar aos cidadãos o óleo medicinal de *Cannabis*, o fitoterápico da planta inteira, com todos os canabinoides.

Agora, sempre há a questão de como liberar o THC, que é um dos canabinoides, para uso em crianças. É importante que a gente ressalte que há muita pesquisa científica e há muita base científica também, e aí eu indico a Pandimed, que se pesquise sobre o uso do THC nas crises convulsivas e nos tratamentos de dor. O THC, juntamente com os demais canabinoides, não produz o efeito psicotrópico que as pessoas imaginam que ele vá causar. Por quê? Porque o THC, junto com o CBD, se equivale, e o CBD anula esses efeitos do THC. Então é possível que qualquer criança doente use as gotinhas do óleo de *Cannabis* integral para tratamento de seus sintomas sem que isso signifique que as mães, os pais estão dando algum tipo de substância psicotrópica para seus filhos. É importante que isso fique muito claro, que o THC também é medicinal, que o THC é antitumoral, anticâncer, que o THC tem uma função de regeneração nas células muito grande. Há 10 anos a gente sequer imaginava que isso era possível, e hoje, com a ciência, com a evolução da medicina, a gente consegue ver que isso é possível.

Com base nisso, o juiz autorizou a Liane a cultivar *Cannabis*, até 20 plantas adultas, plantas fêmeas. É importante que se diga, muita gente não entende que a *Cannabis* possui plantas fêmeas e macho, onde a macho só nos dá semente e a fêmea nos dá as flores onde estão os canabinoides em maior quantidade, onde a gente pode extrair, simples, numa panela elétrica de arroz com álcool de cereais e fazer aquilo se transformar em óleo medicinal com

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual16DEZ2021  
Pauta: Debater o nº 178/21, PLL nº 186/21, PLL nº 181/21.

---

azeite de oliva ou com óleo de milho. É isso que é vendido nas farmácias brasileiras, um óleo medicinal feito com óleo de milho com as substâncias da *Cannabis*, com os canabinoides, especificamente o canabidiol. Contudo, como eu disse, o canabidiol sozinho não consegue fazer o efeito comitativa, que é a força de todos os canabinoides juntos, que traz o alívio à dor e à diminuição dos sintomas das enfermidades mais graves como Alzheimer, Parkinson, câncer, fibromialgia, enxaquecas, depressão, ansiedade. Isso tudo que eu falo é com base científica, isso tudo existe uma base científica e é importante que as pessoas conheçam isso antes de trazerem, junto consigo, os seus preconceitos. Como eu disse, eu era uma pessoa totalmente preconceituosa em 2015, eu não faço uso de nenhum tipo de droga, mas eu estou aqui defendendo a *Cannabis* em uma audiência pública, perante os Srs. Vereadores, porque eu acredito nisso, porque eu vi isso acontecer com os meus olhos e porque eu tenho a justiça ao lado dos meus pacientes clínicos. Se nós temos o apoio da justiça para isso, não há justificativa que impeça a aprovação desses projetos de lei, porque esses projetos de lei vão democratizar esse acesso. Não são todas as famílias que conseguem pagar R\$ 2.500,00 num óleo industrial, que é composto somente por canabidiol, que alivia os sintomas, mas não tem o mesmo efeito que tem o óleo integral de *Cannabis*. A pessoa não alcança a mesma melhoria na sua saúde, na sua qualidade de vida, na sua dignidade com óleo existente na farmácia, nas indústrias. Infelizmente, ainda não temos o óleo compatível, o óleo artesanal de *Cannabis*, que é utilizado por diversas famílias brasileiras através de ordens judiciais. Da mesma forma, para democratizar o acesso, essas famílias não têm condições de contratar advogados para passarem a usar o Judiciário na busca dessas autorizações.

Em virtude disso, é que vem e nasce, no gabinete do vereador, este projeto de lei. Nós precisamos instituir a Farmácia Viva, porque ela pode distribuir o fitoterápico, pode conveniar-se com o SUS e com associações para isso. Nós temos em andamento a Semear no Rio Grande do Sul, que é a primeira associação, até onde eu conheço, que está sendo registrada justamente para dar esse acesso e essa democratização aos pacientes. Da mesma forma, temos instituições e universidades que podem se beneficiar desses projetos de lei para as pesquisas. Então precisamos aprovar esses projetos de lei para que o nosso Estado do Rio Grande do Sul possa avançar nessa medicina e possa disponibilizar aos

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual16DEZ2021  
Pauta: Debater o n° 178/21, PLL n° 186/21, PLL n° 181/21.

---

gaúchos o acesso democrático ao óleo terapêutico. Muito obrigada pela atenção e fico à disposição. Um abraço.

**SR. LUIZ AFONSO DE MELO PERES (Diretor Legislativo):** A Dra. Márcia Gianlupi está com a palavra.

**SRA. MÁRCIA GIANLUPI:** Boa tarde. Eu sou medica psiquiatra e iniciei o uso de *Cannabis* com alguns pacientes em 2017. Fui motivada a isso por um amigo que tem uma doença grave, ele tem esclerose lateral amiotrófica, e, com o óleo, eu consegui minimizar alguns sintomas desse paciente. Não tem o efeito, digamos, curativo, mas trouxe uma melhor qualidade de vida e conforto para essa pessoa. A partir daí eu comecei a estudar, inicialmente eu fiz o curso da Apepi sobre a *Cannabis* medicinal, e comecei a entender os mecanismos de ação do *Cannabis*. Cabe ressaltar que nós temos, o ser humano tem receptores CB1 e CB2 que deixam, levam a atuação de... nós temos canabinoides endógenos que são anandamida e o 2-AG, que seriam, digamos, a nossa maconha endógena, que proporciona bem-estar, diminui a dor, melhora sintomas depressivos e tantas outras ações. Atualmente, eu trato pessoas com autismo, crianças com autismo, autismo infantil, pacientes com Parkinson, pacientes com Alzheimer, depressão, ansiedade. Quer dizer que a gama de pacientes que estão usando o óleo é imensa, a gama de patologias que estamos podendo atuar com o óleo é imensa. E essas patologias só tendem a aumentar porque esses receptores CB1 e CB2 nós temos em todo o nosso corpo, então, com algumas modulações mais THC, mais canabidiol, outros fitoterápicos da planta, como o canabigerol, agora, que estão sendo estudados, nós podemos ter uma atuação em diversas patologias. Por exemplo, o efeito colateral – se é que se pode ser dito colateral, é um ótimo efeito – é a diminuição da glicemia e da resistência à insulina, o que é fantástico para pacientes diabéticos, tantas outras patologias estão sendo exploradas e estudadas. A Bianca falou do PubMed, se a gente for hoje ao PubMed, tem mais de 30 mil artigos no mundo sobre o uso do óleo de *Cannabis*. A grande dificuldade realmente é a questão do preço, hoje alguns óleos importados, que são *full spectrum*, não são só de canabidiol, mas tem um percentual de THC, alguns óleos importados estão um pouco mais baratos do que

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual16DEZ2021  
Pauta: Debater o nº 178/21, PLL nº 186/21, PLL nº 181/21.

---

eram no passado, faz um ano, mais ou menos, que o preço desses óleos está diminuindo, mas não é a solução. A solução não é fazer com que as pessoas tenham que importar. Realmente a Farmácia Viva proporciona uma democratização, que é o que a gente precisa, porque hoje até os pacientes têm menos preconceitos que os próprios médicos sobre o uso do óleo, porque eles se informam muito sobre isso. Mas o grande bloco realmente nisso é o preço, porque mesmo sendo óleos mais baratos, a gente não vai conseguir tratamentos por menos de R\$ 300,00, R\$ 400,00, por mês, o que é impossível, é inviável para a maioria das famílias, mesmo uma família que tenha uma renda razoável, pagar R\$ 300,00, R\$ 400,00, por mês, não é uma coisa simples, é esse o grande obstáculo hoje.

O que eu posso falar sobre o óleo? O óleo *full*, que é o que a Bianca estava falando, é que tem uma melhor ação, é a planta completa, que tem o efeito comitiva, essa sinergia de todos os fitocanabinoides que a planta tem, que vão atuar nos receptores melhorando os sintomas. Existem estudos hoje já comprovados, e o FGA já aprovou, já está aprovado o uso do canabidiol para convulsões. Para dor, por exemplo, nós temos estudos corposos que comprovam, com excelentes evidências, que comprovam o uso da *Cannabis* medicinal junto, daí é o canabidiol com o THC – tem que ter o THC, porque ele vai ajudar a modular esses receptores. A presença do canabidiol é protetora, ela não vai deixar causar o que as pessoas possam temer, que são lesões cerebrais, ou doenças, ou psicoses, que é o que as pessoas mais temem, e é o que a medicina alopática preconiza, que a *Cannabis* causaria psicose. Existem cepas de plantas que, realmente, como o skank, foram geneticamente modificadas, que aumentam a concentração de THC e que podem, nos sujeitos mais sensíveis, provocar psicose. A gente tem que estar atenta, por isso a prescrição feita por um médico, mas são em concentrações de THC que não vão ser usadas na clínica. As concentrações que a gente usa não vão ter esse efeito psicotrópico negativo, não vai provocar psicose, que é o grande temor das pessoas e é onde a campanha da psiquiatria tradicional se apega, sobre os efeitos psicóticos que possa haver no uso da *Cannabis*, do óleo de *Cannabis*. Não vai ter esse efeito nas concentrações que a gente usa para tratamento, esse efeito não vai existir. No Brasil, tem toda essa questão, tem países da Europa, por exemplo, como a Itália, onde se pode chegar por lei, com prescrição médica, a um percentual até de 9 a 10% de THC, inclusive. Essa *Cannabis* é produzida pelo Exército

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual16DEZ2021  
Pauta: Debater o nº 178/21, PLL nº 186/21, PLL nº 181/21.

---

italiano e vendida em farmácias, com prescrição, porque com percentual menor de THC é um complemento alimentar, não precisa ser vendida em farmácia; com percentual maior, de 9 a 10% de THC, é vendido com prescrição médica em farmácia e essa *Cannabis* é plantada pelo Exército italiano, é vendida oficialmente em farmácias e prescrita por médicos especializados em dor crônica e refratária, com efeito excelente. Com isso, a gente pode diminuir a quantidade ou até mesmo cessar a prescrição de fármacos mais agressivos, que podemos dizer, sim, são os anti-inflamatórios, alguns tipos de anti-inflamatórios que podem provocar efeitos muito nocivos, inclusive aumentando o risco de infarto do miocárdio, alguns anti-inflamatórios usados cronicamente aumentam o risco de infarto, isso, sim, é comprovado cientificamente, aumenta em mulheres em até três vezes o risco de infarto. Com o uso do óleo de *Cannabis*, com percentuais maiores de THC, a gente pode diminuir ou mesmo cessar o uso desses anti-inflamatórios. É evidente, é muito nítido o conflito que tem também em relação à indústria, que talvez não queira, talvez, não, com certeza, não quer a democratização do acesso a esse óleo, porque eu penso que vai ser um marco, um divisor de águas no tratamento, é a medicina do futuro, querendo ou não querendo. Participei de uma discussão ontem com alguns outros colegas psiquiatras onde eles criticavam muito o uso da *Cannabis*, ressalte-se que essas pessoas são bastante ligadas à indústria farmacêutica também e não têm muito interesse em democratizar o acesso do óleo, não tem nem interesse em democratizar e nem na prescrição do óleo. Repito, estou tratando crianças, os sintomas dessas crianças, é obvio, crianças autistas, agressivas, que com o óleo tem diminuído, têm ficado menos agressivas; pacientes com sintomas congelamento, o Parkinson, os tremores, melhoras nesses sintomas, a qualidade de vida realmente muda para essas pessoas, elas voltam gratas falando disso, pessoas idosas procurando o óleo de *Cannabis* com menos preconceito que os médicos. É isso, é esse o meu depoimento sobre o uso que estou fazendo do óleo de *Cannabis* hoje. A dificuldade realmente do acesso é enorme, o óleo produzido no Brasil, que a gente tem autorização para prescrever, é um ótimo óleo, mas que tem uma limitação na questão dos percentuais dos diferentes tipos de canabinoides. Então a gente fica um pouco mais limitada nessa prescrição, a farmácia nos ajudaria muito e nos tiraria dessa condição de poder. Hoje, por exemplo, a medicina com *Cannabis* é para uma população de alto poder aquisitivo, porque

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual16DEZ2021  
Pauta: Debater o n° 178/21, PLL n° 186/21, PLL n° 181/21.

---

as pessoas realmente não têm condições de comprar todo o mês uma medicação, na melhor das hipóteses, que custe R\$ 400,00, R\$ 600,00 por mês, podendo chegar, como disse uma pessoa aqui, a R\$ 2.000,00 mensais. É inviável para mais de 99% da população brasileira. Era isso.

**SR. LUIZ AFONSO DE MELO PERES (Diretor Legislativo):** Obrigado, Dra. Márcia. De acordo com a programação, Ver. Leonel Radde, passaremos para as histórias de painel.

**VEREADOR LEONEL RADDE (PT):** Só um detalhe, a Liane está com uma questão pessoal e não pode participar. É uma lástima, porque seria um relato muito importante. Ela manda um abraço a todos e a todas. Está aí o relato da filha dela, mas não faltará oportunidade.

O Sr. Denis está com a palavra.

**SR. DENIS MACHADO:** Boa noite, pessoal, desculpem, mas é a primeira vez que eu estou usando esse aplicativo, então tenho uma certa dificuldade. Meu nome é Denis, tenho 39 anos, tenho dois filhos dentro do espectro do autismo. A Antônia tem seis anos e o Benjamim tem quatro anos. Vim aqui contar um pouco da minha experiência com a utilização do óleo de *Cannabis*. Primeiramente eu quero falar da importância do diagnóstico precoce do autismo porque isso vem a possibilitar o tratamento das crianças dentro de uma janela hábil, na plasticidade cerebral da criança. Então, a partir dos seis meses de idade, se vê essa importância de se ter um diagnóstico, de se ter acesso a recursos, terapias e tratamentos, e isso é tão dificultoso. Então, mais ou menos é assim a história de como eu conheci o fitoterápico, recebendo os diagnósticos da Antônia, com autismo, com dois anos de idade. Foi complicado porque a gente não espera que a criança venha com um transtorno ou com qualquer problema. A gente almeja um filho normal, saudável, mas a gente recebeu o diagnóstico e abraçamos essa causa, e como pai fui buscar informação. Eu era muito novo, não entendia o que era, a gente não fazia parte desse universo. Então, quando tu caís de paraquedas assim é bem impactante. Toda informação para a gente conseguir ter um diagnóstico foi muito difícil. Depois de a gente conseguir esse diagnóstico

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual16DEZ2021  
Pauta: Debater o nº 178/21, PLL nº 186/21, PLL nº 181/21.

---

vem a questão terapêutica para a gente conseguir, com fonoaudiólogos, com a parte de psicomotricidade, terapias, mas a gente sempre percebeu que faltava alguma coisa ainda. As terapias sempre ajudaram muito, mas a gente sempre buscando algo melhor, na angústia de pai e mãe, sempre buscando o progresso, porque a Antônia foi diagnosticada com autismo e teve perda de fala. Ela foi considerada, na época, uma criança não verbal. As frustrações, a irritação da criança de não ter habilidade de se expressar verbalmente causa muito transtorno para a criança. Com dois anos, a gente teve esse diagnóstico e eu comecei a pesquisar, na internet, a respeito de medicações que já tinham sido prescritas, tipo espidona, enfim, outras medicações, e os efeitos colaterais e tudo mais. A gente buscou uma outra via que pudesse nos dar um retorno e trazer um resultado para o desenvolvimento deles. Daí eu li uma matéria sobre o sistema endocanabinoide, me chamou a atenção porque é uma questão bem nova e, pelo que eu entendi, relacionava com a questão do autismo, porque trazia benefícios o óleo de CBD. Bom, aquilo me acendeu uma luz, e eu fui correr atrás e buscar. Daí tivemos uma grande dificuldade de conseguir um neuropediatra que indicasse a medicação, porque foi uma iniciativa nossa, de pais, de querer o progresso dos nossos filhos. A gente batia numa porta e os médicos diziam: "Bah, mas é maconha..." A gente passava até um certo constrangimento, como pais, de estar buscando uma coisa que parece, de um ponto de vista muito geral, que as pessoas interpretam como uma coisa errada. Mas a gente persistiu e encontramos uma médica que nos acolheu, ela já tinha um entendimento, já receitava *Cannabis* medicinal e ela disse: "Olha, vamos começar um tratamento." Ela fez uma receita para nós. Mas daí encontramos outro obstáculo que seria onde conseguir, porque a gente foi atrás do valor dessa medicação, do CBD puro, importado, e simplesmente é uma coisa inviável para a gente; totalmente fora da nossa realidade, mas a gente já estava numa angústia de querer experimentar. Então, pesquisando, a gente encontrou a associação da Santa Cannabis, e foi um instinto natural de a gente buscar um apoio, buscar pessoas que tinham um certo conhecimento. Na verdade, a visão de fora é de pessoas que estão à margem da sociedade; esses caras estão plantando maconha, e o preconceito até da família de dizer: "Olha, a gente está buscando isso." As pessoas ficavam um pouco impactadas, mas com o nosso instinto de pais, a gente achou que era o melhor para eles e a gente seguiu nessa

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual16DEZ2021  
Pauta: Debater o nº 178/21, PLL nº 186/21, PLL nº 181/21.

---

ideia e encontramos a Santa Cannabis, que nos deu todo o apoio, foi muito impactante a forma como a gente foi recebida. Eles nos instruíram em vários aspectos em relação a Cannabis, porque, querendo ou não, as informações corretas são escassas, tem de pesquisar muito na internet. A partir disso, a gente teve todo um apoio, um acolhimento do pessoal da Santa Cannabis. A gente se informou como é que funcionava a questão da associação e, a partir disso, a gente encaminhou a receita, fez a documentação toda, fez o que tinha de ser feito e começamos a usar o óleo. A gente já vinha usando uma medicação industrializada aqui, e eles tinham um comportamento muito alterado. O contato visual da Antônia era muito baixo, ela se auto agredia em alguns momentos. Já, no Benjamim, esses sintomas vieram mais intensos, ele se agredia com mais frequência, se batendo com a mão contra o rosto até ficar um hematoma. A gente tentando controlar o movimento a todo tempo, mas é um movimento instintivo da criança, é uma estereotipia, ela se agride; uma baixa sensibilidade à dor, então, é muito complicado lidar com isso. E também um contato visual muito baixo e a parte de verbalização de sons deles é muito baixa também, eles quase não se comunicavam verbalmente. E assim a gente percebeu que, no primeiro momento, a transição do fármaco para o óleo foi impactante, um pouco porque eram crianças muito apáticas, muito distantes, eles eram pouco participativos, e isso nos preocupava porque o sinal de saúde da criança é que ela brinque, que corra, essas coisas assim, e eles eram muito fechados. A princípio, quando a gente começou a fazer essa transição para o óleo, começamos a perceber certos comportamentos deles que eram diferentes. E, quando a gente fez a transição completa, com um, dois meses já de óleo, que eles estavam só no óleo com espectro, que é o óleo que tem todos os fitoterápicos, não é só o CBD isolado, ele tem THC também, e isso foi muito importante porque a gente percebeu que os efeitos principais que eu posso relatar para vocês nos meus filhos foi o aumento do contato visual, porque a criança aprende por imitação e por visualização, tanto a parte da fala porque eles observam a boca da gente quando a gente pronuncia, e os nossos movimentos eles aprendem por imitação. E uma criança que não observa o mundo ao redor, ela está fechada, não aprende. A partir desse momento, eles começaram a abrir, a aumentar o contato visual. A Antônia hoje já fala, tem um vocabulário; agora ela está com seis anos e já está há três anos com óleo de CBD; os resultados são incríveis, beneficiou

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual16DEZ2021  
Pauta: Debater o nº 178/21, PLL nº 186/21, PLL nº 181/21.

---

não só a parte da fala, de contato visual, mas o comportamental social dela melhorou muito. E no Benjamin também, essa questão de se agredir reduziu a momentos de picos, em alguns momentos ele ainda tem esse movimento de se autoagredir, mas reduziu consideravelmente, é quase que nada perto do que tinha. Então, eu só tenho a agradecer à Santa Cannabis. Quero dizer da importância desse projeto da Farmácia Viva. Se torna inviável a gente manter um tratamento dentro desses custos que a gente está vendo que a pessoa está apresentando, fica inviável para uma família pobre manter. Então, acredito que este projeto é muito importante, é importante para muitas famílias, não só daqui, como de todos os municípios, que podem implantar esse tipo de direito. Quero agradecer à Santa Cannabis toda a estrutura, todo o apoio que eles fornecem para nós, e quero agradecer pela oportunidade de estar expondo a nossa história. Muito obrigado.

**SR. LUIZ AFONSO DE MELO PERES (Diretor Legislativo):** Obrigado, Denis, por esse relato tão importante. Ver. Leonel, agora seria o Sr. Augusto que falaria?

**VEREADOR LEONEL RADDE (PT):** Exatamente, é o Sr. Augusto, que é aposentado e representante da Associação Acurara.

**SR. LUIZ AFONSO DE MELO PERES (Diretor Legislativo):** O Sr. Augusto Saraiva Ribeiro está com a palavra.

**SR. AUGUSTO SARAIVA RIBEIRO:** Boa noite, é um prazer estar aqui, poder trazer um pouquinho da minha história e contribuir para esse debate. Eu sou Augusto Saraiva, fui diagnosticado aos 14 anos, com uma doença degenerativa progressiva e me tratei com a medicina convencional durante praticamente 30 anos, e a doença continuou evoluindo. As características dessa doença são rigidez muscular, dor muito intensa e atrofia dos membros, além de movimento involuntário, que tornava qualquer atividade, por mais corriqueira possível, como segurar um garfo ou um copo, impossível. Eu fiz o que a medicina tradicional mandou eu fazer durante o tempo todo e o máximo que eu consegui eram alívios temporários da dor e do sofrimento e muito efeito colateral dos 27 remédios

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual16DEZ2021  
Pauta: Debater o n° 178/21, PLL n° 186/21, PLL n° 181/21.

---

que eu tomava e duas ampolas de morfina/dia. Chegou um momento, em 2018, em que eu estava praticamente vegetativo e a morfina não fazia mais efeito. Eu estava sem alternativas, a medicina convencional não tinha mais o que fazer comigo, então eu comecei a buscar opções na internet, na literatura médica. E como a minha doença é muito rara, tem uma prevalência muito pequena no mundo, eu buscava pesquisa sobre doenças semelhantes – esclerose lateral amiotrófica, Parkinson, Huntington – que causavam sintomas semelhantes, e havia um denominador comum: essas doenças, em outros países, em outros lugares eram tratadas com *Cannabis*. Eu aprendi na escola que *Cannabis* deixava burro, louco e que fazia a pessoa virar um bandido. Obviamente, tinha medo da *Cannabis*. A primeira vez que ouvi que maconha podia ser remédio eu não acreditei; e precisei ficar num estado sem opções para buscar essa alternativa. Quando eu finalmente venci o meu próprio preconceito e comecei a usar a maconha como remédio, eu comecei uma nova jornada de descobertas, de aprendizado. E hoje eu consegui uma mudança muito significativa na minha vida, eu consegui voltar a caminhar, a falar – que era impossível em função da contratura muscular –; hoje, eu transformei em missão de vida levar informação sobre o uso medicinal da maconha para quem eu conseguir. Se eu estava desenganado, sem opções e consegui, com a maconha, ter uma qualidade de vida muito superior, essa planta tem um potencial incrível, como falaram a Dra. Márcia, a Dra. Bianca, para tratar diversas doenças: Alzheimer, autismo, Parkinson, os mais diversos tipos de esclerose, câncer. Então, não há motivo para que essa planta não seja acessível. Eu acredito que isso é interesse público. A saúde pública se beneficia de uma planta que pode tratar diversas patologias a um custo muito mais baixo do que os tratamentos convencionais alopáticos e, talvez, com mais sucesso. O meu caso não deve ser uma exceção. Nós percebemos, hoje – com os diversos relatos que chegam, com as diversas publicações, com o acompanhamento que as associações de pacientes fazem –, que diversas patologias graves que a medicina tradicional não conseguiu resolver foram amenizadas; a dor foi contida pela *Cannabis*. Eu que fazia uso de 27 remédios, mais morfina, hoje eu uso exclusivamente produtos derivados de *Cannabis*, de maconha, e das mais diversas formas. Tenho um *habeas corpus* de cultivo, que me permite plantar, extrair e utilizar o meu remédio. Porque quando eu fui buscar a *Cannabis* pela primeira vez eu caí, obviamente,

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual16DEZ2021  
Pauta: Debater o n° 178/21, PLL n° 186/21, PLL n° 181/21.

---

naquilo que a maioria dos pacientes cai: no óleo importado de CBD isolado. Com ele, houve alguma melhora, no meu caso, mas não tratava a minha dor, porque não tinha o THC, que é tão importante para promover o efeito cognitivo. Com isso, eu precisei buscar alternativas e me vi meio obrigado a transgredir, porque eu não conseguia acessar esse remédio em lugar nenhum, até que eu conheci as associações de pacientes e comecei a ter acesso a essa medicação e, finalmente, eu consegui melhoras.

Desde 2018, não tinha movimento de pinça, não conseguia abrir e fechar a minha mão, não conseguia escrever ou assinar o meu nome, nem sequer segurar um garfo. Hoje, eu consigo caminhar, eu uso a minha cadeira de rodas eventualmente, quando preciso preservar o meu corpo, mas eu consigo ser independente, coisa que, há anos, eu não era. A maconha me devolveu qualidade de vida e me permitiu ficar livre de 27 remédios e morfina; não tem como ser ruim um remédio que consegue promover esse tipo de qualidade de vida. Então, quero aproveitar o momento e dizer que as associações de pacientes estão fazendo o que o poder público não fez. É direito de todo o brasileiro à saúde, é um direito constitucional, é um direito à qualidade de vida; e foi por isso que eu fui à justiça para ter o direito de plantar *Cannabis*. Na minha situação de saúde, plantar *Cannabis* é uma tarefa árdua. Eu tenho mobilidade reduzida, eu uso uma cadeira de rodas, e cultivar é difícilíssimo. Eu preciso de uma grande quantidade desse remédio por mês para conseguir ser funcional. Como aposentado, eu não consigo bancar o meu tratamento, e, se não fossem as associações de pacientes que me acolheram e que me fornecem os medicamentos num custo muito baixo e, às vezes, fazem doações, eu não estaria aqui, eu não estaria vivo e não estaria lutando por esta medicina. Eu, como privilegiado, posso cultivar essa planta, posso ter o meu remédio na minha sala e não consigo aceitar que o meu direito seja concedido em privilégio. Não consigo aceitar que a mesma maconha que salva a minha vida na mão de um irmão, que é preto ou periférico, vira sentença de morte, motivo para que ele seja assassinado e morto pela polícia. É a mesma planta, ela não pode ser remédio na minha mão e droga na mão do irmão. É por isso que eu estou aqui, é para contar isso que eu vim: todo uso de maconha é terapêutico, seja óleo, seja fumado, seja vaporizado. Mesmo com todo o meu suposto privilégio, eu não teria como bancar a quantidade de medicação que eu preciso. É por isso que projetos como este, que está sendo discutido e que espero que seja votado em breve,

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual16DEZ2021  
Pauta: Debater o n° 178/21, PLL n° 186/21, PLL n° 181/21.

---

tem o seu lugar. Farmácia viva, é a única forma de democratizar, efetivamente, esse remédio, que não é diferente do chá de camomila da vovó, da erva baleeira, da erva de São João ou da arnica, que é usada amplamente no Brasil inteiro com base num conhecimento ancestral. A maconha é proibida há 191 anos, mas ela é companheira da humanidade há 12 mil anos. Ela é remédio há muito tempo, nós temos de deixar o preconceito de lado e enxergar como ela realmente é: uma planta medicinal incrível e que pode curar diversas doenças ou trazer qualidade de vida para aquelas pessoas que, como eu, têm doenças incuráveis.

**SR. LUIZ AFONSO DE MELO PERES (Diretor Legislativo):** Obrigado pelo seu relato, Sr. Augusto. O Ver. Cecchim e o Ver. Leonel combinaram que, dada a importância dos pronunciamentos anteriores, nós estenderíamos um pouco o tempo das falas, mas, agora, nas inscrições, nós vamos limitar o tempo em três minutos. O Sr. Leonardo Bastos está com a palavra.

**SR. LEONARDO BASTOS:** Sou de Sapucaia do Sul, sou técnico há 42 anos; gestor ambiental, técnico de operações da Petrobrás há 20 anos; estou há 32 no ramo do petróleo; e sou administrador da TV Repensar ([www.radiotvrepensar.com](http://www.radiotvrepensar.com)). Eu penso em fazer na TV e na Rádio Repensar, também, uma campanha a respeito desse projeto. Inclusive, entrevistamos o Dep. Paulo Teixeira que tem um relatório, já aprovado na Câmara Federal, sobre a *Cannabis*. Vou dar um relato pessoal: eu tenho neuropatia periférica que adquiri depois de uma operação bariátrica. Eu perdi muita vitamina B12 e isso afetou o sistema neurológico, e, como eu tomo carbamazepina para dor, fui para Natal porque eu via muita dificuldade aqui, e consegui o canabidiol lá em Natal, por meio de médico, para poder tomar, e realmente foi excelente. Eu comecei a mexer melhor porque meus pés ficam muito endurecidos. São dores diversas, tem hora que está tendo dormência, tem hora que dói, tem hora que pinica, coça, tem todas as ações que possa imaginar. E a *Cannabis* foi o que realmente me favoreceu. Eu tive que parar porque eu voltei aqui para o Rio Grande do Sul e eu perdi a possibilidade de adquirir o canabidiol oficialmente. Apesar de que, desde dezembro 2019, foi aprovado pela Anvisa, mas a gente tem essa limitação. Estou

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual16DEZ2021  
Pauta: Debater o nº 178/21, PLL nº 186/21, PLL nº 181/21.

---

aguardando a liberação para poder utilizar; eu estou tentando entrar em contato com as associações para ver o que eu posso fazer, e contatos médicos também.

Vou fazer também o relato de uma amiga, e eu não vou citar o nome dela por razões éticas: ela tem epilepsia, e anteontem estivemos falando a respeito disso, e ela falou que depois que ela usou a *Cannabis* ela não tem nenhuma crise de epilepsia. Então hoje, sem a *Cannabis*, ela tem crises convulsivas sérias que podem levar à morte. Ela relatou para mim, ela é professora aposentada: "Olha, eu não tenho mais crises com o canabidiol, mas está difícil adquirir. Inclusive tenho que adquirir clandestinamente, vindo do Uruguai, por exemplo" – e por isso não citei o nome dela. Então ela está perdendo essa possibilidade de ter um remédio bom. Sei, pelas pesquisas que eu fiz, que a *Cannabis* é o remédio que mais cresce no mundo. É um negócio impressionante, em termos mundiais são mais de 700% de aumento na produção de *Cannabis* do mundo todo, contando Índia, Canadá, Estados Unidos e por aí vai. Então 700% de aumento – agora não sei como está na pandemia, com relação às vacinas e a remédios contra o Covid –, mas a *Cannabis*, o canabidiol, por exemplo, é o remédio que mais cresce no mundo em produção. Então o Brasil tem que sair dessa hipocrisia, porque a gente vê, por exemplo, o General Villas Bôas, que fica com vergonha de falar, mas ele usa o canabidiol e depois combate o canabidiol! Quer dizer, para ele serve, para os outros, não. Então é uma hipocrisia sem fim, porque ela salva vidas. Obrigado.

**SR. LUIZ AFONSO DE MELO PERES (Diretor Legislativo):** Obrigado, Sr. Leonardo Bastos. O Sr. Carlos Alberto Kalinowski Hoffmann está com a palavra.

**SR. CARLOS ALBERTO KALINOWSKI HOFFMANN:** Boa noite. Quero saudar, em especial, a iniciativa do vereador, e também já solicitando o apoio da Comissão de Saúde e Meio Ambiente da Câmara e do conjunto de vereadores nesta questão, graças à importância desse debate. Sou o Carlos, servidor municipal da área de saúde aqui de Porto Alegre. Em conectadas falas anteriores, uma questão importante: já há fundos de renda variável, ou seja, ações, na área de ativos da indústria farmacêutica de *Cannabis*, então o mercado financeiro está atento a isso. Além disso, há todo um desenvolvimento da área

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual16DEZ2021  
Pauta: Debater o n° 178/21, PLL n° 186/21, PLL n° 181/21.

---

médico-farmacêutica neste segmento, só que eu gostei de ampliar um pouco este debate e colocar algumas sugestões. Eu, servidor, digo que o Programa Municipal das Práticas Integrativas e Complementares e Educação Popular em Saúde deve estar inserido neste contexto. Então, fica aqui, como uma proposição para a Câmara, para que esse programa e essa lei possam contemplar e serem contempladas, a partir desse plano municipal das PICS, isso é muito importante. É um trabalho, a partir do que o SUS preconiza, e que precisa estar alinhado com o que está sendo proposto aqui.

Além disso, é importante atuar em conjunto com a Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre, com o objetivo de conscientizar sobre essa política pública que o Ver. Leonel Radde está propondo, a partir dessas leis. E fazer com que essas leis sejam levadas de forma prática e efetiva a termo, para que elas aconteçam na prática, no mundo real. Por que, o que que acontece? Nós temos, por exemplo, dentro da política das PICS, a acupuntura, que já é uma prática chinesa antiguíssima, e que há uma adesão mínima por parte da rede assistencial. Ou, então, da fitoterapia, que há um esforço muito grande de alguns servidores alocados nisso, mas que não consegue chegar à grande população, ao grande público. Então, é importante fazer esse trabalho em alinhamento com a política pública de saúde municipal.

Além disso, enquanto sugestão, coloco como ampliar o foco do PL n.º 0186/21, um desses que nós estamos tratando aqui na audiência, que abarca a questão da pesquisa. E ampliar as áreas da pesquisa, para além da medicina estrita. Daí eu dou exemplos, como a área da psicoterapia, e também abarcando a área da psicoterapia espiritual, bem como a antropologia e a ciências das religiões. Abarcando religiões onde a *Cannabis* é utilizada como base teológica e ritualística, tais como o hinduísmo, o taoísmo, o xintoísmo, o budismo, o rastafári, o candomblé e o Santo Daime. Então, trago essa questão, porque as políticas e pesquisas na área das ciências humanas também trazem subsídios positivos para a melhora do ser humano de forma completa, holística. Nesse sentido também cito políticas atuais na área de saúde da população negra em terreiros de religiões afro-brasileiras, onde há inter-relação entre o saber da medicina com o saber ancestral, tradicional. E nesse sentido há um trabalho já de bom tempo, da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde – Renafro Saúde –, por exemplo, que poderia ser algo modelo no

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual16DEZ2021  
Pauta: Debater o n° 178/21, PLL n° 186/21, PLL n° 181/21.

---

âmbito da *Cannabis* em relação a essas outras religiões que eu trouxe anteriormente. Fica também como uma sugestão, essa ampliação de foco para pesquisas na área das ciências humanas, que também trazem benefício para o ser humano de um modo geral. Além disso, trago também como sugestão, para que os próprios vereadores possam, caso não dê tempo de emendar a Lei Orçamentária Anual, que foi recém aprovada, fazerem emendas orçamentárias impositivas, ou seja, as emendas parlamentares, destinando recursos para criação de consultórios especializados; para a criação também de farmácias vivas e hortas fitoterápicas dentro do Município; e para um completo regramento para o auto cultivo. Talvez seja até a criação de um outro tipo de legislação, incluindo a vigilância em saúde. E também, aproveitando o ensejo, de criar e destinar recursos para a formações complementares para a rede de assistência e gestão na saúde municipal. Isso é importante, porque, normalmente, não há formações específicas ou, pelo menos, na formação de medicina, enfermagem, da própria administração hospitalar e outras para essa área envolvendo canabinoides e outras plantas fitoterápicas. Também, já finalizando, lembro que a política nacional de humanização da saúde desenhada pelo Ministério da Saúde, e vigente, preconiza a valorização das culturas de maneira geral. Então eu trago aqui esta importante política e lembro aos vereadores que estão aqui acompanhando que isso que a gente está falando está inserido neste contexto do PNHS.

Agradeço a oportunidade e reitero a especial importância desse trabalho junto à Cannabis e outras plantas, inclusive, para que tenham uma visão mais alargada da realidade e que possam contemplar, seja pela via da medicina, seja pela via da psicoterapia, seja pela via das ciências humanas, das ciências das religiões, daquilo que traz bem-estar e saúde de um modo holístico ao cidadão, que isso seja levado em conta na hora da análise lá no plenário e das comissões específicas da Câmara. Muito obrigado.

**PRESIDENTE IDENIR CECCHIM (MDB):** A Sra. Shirlei Silva está com a palavra.

**SRA. SHIRLEI SILVA:** Gostaria de agradecer o convite da equipe do Ver. Leonel Radde, eu considero este nosso encontro, na noite de hoje, uma coisa muito importante, eu estava aguardando, já há algum tempo eu venho conversando com o Leonel, por Whats – eu não

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual 16DEZ2021  
Pauta: Debater o nº 178/21, PLL nº 186/21, PLL nº 181/21.

---

o conheço pessoalmente –, e insistindo na necessidade de nós organizarmos aqui em Porto Alegre para fundarmos uma associação canábica.

Eu sou paciente oncológica desde 2017, eu tenho câncer de mama com metástases ósseas, e obviamente sinto vários efeitos colaterais decorrentes do tratamento que eu faço. Eu comecei a usar o óleo de *Cannabis* em março deste ano e, em uma semana, eu larguei de vez os remédios para dormir, porque eu tinha que insônia terrível decorrente do tratamento; também, com relação às dores, o óleo tem efeitos maravilhosos.

Eu quero muito insistir também na questão de como a gente pode combater o preconceito e o desconhecimento das pessoas, inclusive – e principalmente – na área da saúde. Eu venho frequentando consultórios médicos e hospitais há algum tempo, e é incrível que os meus médicos, os médicos com quem eu me trato não têm conhecimento ou fazem questão de não ter esse conhecimento, porque têm uma formação acadêmica muito cartesiana. Eu fui procurar cursos de medicina, enfermagem, nutrição, etc., da área da saúde, e me deparei uma realidade surpreendente: a própria formação não contempla o estudo do sistema endocanabinóide e também não contempla as possibilidades de uso de fitoterápicos e da *Cannabis*. É essencial a gente ter isso em mente, e também é essencial a gente fortalecer o associativismo. A minha experiência de me associar à Associação Maria Flor, de Marília, em São Paulo, e o nível de informação que a gente tem, quando a gente entra numa associação, é surpreendente. Hoje eu me tornei uma estudiosa dos usos da *Cannabis* e eu acho que é hora de a gente começar a investir, sim, na formação de associações, porque são essas pequenas associações que vão poder dar maiores condições de acesso à *Cannabis* aos pacientes que necessitam e não sabem por onde começar a usar. Era isso, muito obrigada, boa noite.

**PRESIDENTE IDENIR CECCHIM (MDB):** Obrigado. Temos mais algum inscrito?

**SR. LUIZ AFONSO DE MELO PERES (Diretor Legislativo):** Sr. Presidente, vamos encerrar as inscrições, conforme comuniquei ao Ver. Leonel Radde. Como a gente estendeu as falas iniciais, porque eram depoimentos técnicos, experiências muito

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual16DEZ2021  
Pauta: Debater o n° 178/21, PLL n° 186/21, PLL n° 181/21.

---

importantes, reduzimos um pouco as inscrições, então vamos encerrar aqui as inscrições com a Sra. Carla Simone Gregori.

**PRESIDENTE IDENIR CECCHIM (MDB):** A Sra. Carla Simone Gregori está com a palavra.

**SRA. CARLA SIMONE GREGORI:** Vou fazer um relato, porque meu pai tem Parkinson. Ele começou a usar, no início de 2020, porque eu demorei para conseguir a consulta. A consultoria Olhar Verde que trabalha com isso e me indicou um médico e demorei bastante, eu estava desde 2019 procurando.

O meu pai começou a usar para o Parkinson, e nessa mesma consulta também eu levei a minha mãe, porque ela sofre de reumatismo, ela toma, há mais de 20 anos, várias medicações; ela tinha uma caixa com mais de 20 medicações, e dentre essas medicações uma causava hemorragia, e ela ficou com problema renal de tomar por muito tempo corticoides. E também nessa mesma consulta, a minha cunhada, que teve que operar uma mama, por causa do câncer de mama, faz radioterapia e quimioterapia, há três anos ela usa a *Cannabis* desde o início, ela conseguiu passar por todo o processo, tendo uma qualidade de vida, tendo menos náuseas, menos vômitos.

O meu pai chegou a ficar em uma cadeira de rodas. Tinha uma enfermeira para ajudar ele a comer, não conseguia pegar o garfo, hoje ele consegue dar a volta na quadra e consegue tomar o banho sozinho – antes precisava de duas pessoas para ajudar ele a tomar banho. Depois disso, em conversa com o veterinário eu descobri que posso usar nos animais, eu tenho um cão que tem epilepsia, eu consegui dar uma qualidade de vida para meu animal, assim como para os pacientes que eu prescrevo há três anos. Também eu peço que olhem pelo uso veterinário.

O meu pai tem 75 anos e a minha mãe tem 70 anos, a qualidade de vida deles; antes a minha mãe não conseguia pegar uma vassoura para varrer a casa, hoje ela consegue até cuidar de uma pessoa idosa, ela consegue dar apoio para uma tia (Problemas na conexão)... Acho que a *Cannabis* é vida. Eu demorei muito para conseguir um médico, e no mês passado eu levei meu pai na Santa Casa para fazer um *check-up*, conversei sobre a *Cannabis* e simplesmente, só para epilepsia é tratada – eles não têm conhecimento

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual 16DEZ2021  
Pauta: Debater o nº 178/21, PLL nº 186/21, PLL nº 181/21.

---

nenhum. Então eu acho que isso tem que ser levada a público a questão das faculdades. Também tem a questão do ensino. Hoje eu faço parte de uma associação de estudo para começar a estudar e a divulgar e, além disso, eu faço parte de uma associação latino-americana de veterinários que tem mais de 15 tratados de vários países, e eu estou aprendendo muito com eles, e eu acho que a gente tem de disseminar; é importante para a qualidade de vida de todos. E outra coisa, o trabalho das associações é muito importante.

**PRESIDENTE IDENIR CECCHIM (MDB):** Obrigado. Quero cumprimentar a colega Carla Ayres, de Florianópolis, e quando vieres a Porto Alegre, espero que venha no próximo ano, após o recesso, faço questão de que o Ver. Leonel Radde vá com a senhora até a presidência para conversarmos um pouco.

Dra. Bianca Uequed, prazer em conhecê-la, já a conhecia de nome, eu gostei muito de todos os depoimentos. São depoimentos de vida, e isso emociona a todos nós, eu vi que o nosso diretor legislativo, o Sr. Luiz Afonso também ficou emocionado num momento, e eu queria agradecer por essa oportunidade, Ver. Leonel Radde, que propôs essa audiência. Meus cumprimentos, meu colega, Leonel, e parabéns pela excelente audiência pública que nós tivemos e pela audiência, vi que tem bastante gente assistindo. Muito obrigado a todos, obrigado diretor legislativo pela sua participação, como sempre eficiente. O Ver. Leonel Radde está com a palavra.

**VEREADOR LEONEL RADDE (PT):** Eu queria agradecer, Presidente Cecchim, agradecer ao diretor Luiz Afonso, a todas e todos que fizeram seus relatos aqui, agradecer à Ver.<sup>a</sup> Carla, Ver.<sup>a</sup> Carol, às Câmaras Municipais de Vereadores de Curitiba e Florianópolis. Dizer que essa é uma pauta que a gente tem que realmente tratar, debater e trazer as informações que a população tem que saber, sobre o que estamos falando e quebrar alguns preconceitos. Muito obrigado, boa noite e um grande abraço.

**PRESIDENTE IDENIR CECCHIM (MDB):** A Sra Carla Ayres está com a palavra.

Câmara Municipal de Porto Alegre  
Seção de Taquigrafia  
027ª Audiência Pública Virtual16DEZ2021  
Pauta: Debater o n° 178/21, PLL n° 186/21, PLL n° 181/21.

---

**SRA. CARLA AYRES:** Quero apenas saudar e agradecer esta oportunidade, e assim que eu for visitar pessoalmente o Leonel, faço questão também de conhecer o Presidente. Obrigada pela oportunidade do debate, e que venham mais debates como este, e para além das reflexões que a gente consiga efetivar parte das políticas que são necessárias para a vida de todos aqui. Boa noite e um bom final de semana.

**PRESIDENTE IDENIR CECCHIM (MDB):** Obrigado a todos. Boa noite. Está encerrada esta audiência pública.

(Encerra-se a reunião às 20h25min.)